



Revista Archai
ISSN: 1984-249X
archaijournal@unb.br
Universidade de Brasília
Brasil

Fernandes Franco, Irley
Pinheiro, P. (2015). Aristóteles. Poética. Edição bilingue.
Tradução, Introdução e Notas. São Paulo, Editora 34
Revista Archai, núm. 18, 2016, pp. 417-425
Universidade de Brasília
Brasil

DOI: https://doi.org/10.14195/1984-249X_18_14

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=586162801015>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

UNB
redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

**PINHEIRO, P. (2015).
ARISTÓTELES. *POÉTICA*.
EDIÇÃO BILÍNGUE. TRADUÇÃO,
INTRODUÇÃO E NOTAS.
SÃO PAULO, EDITORA 34**

FRANCO, I. F. (2016). Resenha: Pinheiro, P. (2015), Aristóteles. *Poética*. Edição bilíngue. Tradução, Introdução e Notas. São Paulo, Editora 34. *Archai*, nº 18, sept.-dec., p. 417-425.

DOI: http://dx.doi.org/10.14195/1984-249X_18_14

A *Poética* pertence ao grupo dos chamados escritos esotéricos, ou acroamáticos¹ (como eram nomeados pelos primeiros estudiosos de Aristóteles), isto é, escritos ou anotações “do que foi ouvido” ou lido². Mais do que isso, a *Poética* é considerada, por seu caráter incompleto, fragmentário e muitas vezes desconexo, como o exemplo mais perfeito desse gênero aristotélico. Não só não foi escrita para ser publicada, tal como

archai 

nº 18, sept.-dec. 2016

Irley Fernandes Franco, Resenha: 'Aristóteles. *Poética*. Edição bilíngue. Tradução, Introdução e Notas. São Paulo, Editora 34, p. 417-425

os escritos “exotéricos” (ἐξωτερικῶν συγγράμματα)³, os diálogos perdidos que o próprio estagirita teria publicado em vida, como é, dentre os “não publicados”, o mais condensado e enigmático. Ela é talvez parte daquele outro gênero, para o qual já havia apontado Cícero, em suas observações acerca dos escritos morais aristotélicos⁴: o dos “Comentários” (hoje identificado aos acima citados “esotéricos ou acroamáticos”), gênero que abrange desde os tratados enciclopédicos com argumentação rigorosa e sofisticada, até as anotações mais descuidadas, como, aliás, parece ser aqui o caso. À palavra “comentários” equivale o termo grego ὑπομνήματα, ie, o conjunto de notas que servem para trazer à lembrança determinados temas, possivelmente já tratados (em aulas?) e certamente já publicados.

O próprio Aristóteles jamais usou a terminologia acima citada. Na *Poética*, ele se refere a “escritos publicados” (1454b18: ἐκδεδομένοι λόγοι) justificando o fato de não estar aí explicando os temas que estão sendo tratados, o que fortemente sugere que esta fosse a única classificação dada por ele à sua obra: “publicados” e “não publicados”. Na passagem em questão, ele está certamente se referindo ao diálogo *Dos poetas* (Περὶ ποιητῶν), livro exotérico perdido, mencionado em catálogos antigos e do qual restam-nos apenas fragmentos. Neste livro, o filósofo, conhecido e admirado, desde a Idade Média pelo rigor de seus argumentos, teria feito todas as articulações essenciais referentes à matéria esquematicamente apresentada na *Poética*.

A *Poética*, ademais, não chegou inteira aos nossos dias. Ela sobreviveu, como os demais escritos acroamáticos, mas, à diferença deles, nunca foi comentada ou revisada durante o período de grande atividade

exegética, sobretudo no séc. II com Alexandre de Aphrodisias. Do séc. III ao V, a *Poética* parece ser totalmente desconhecida. E, conforme o catálogo que nos foi transmitido por Diógenes Laércio (*Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres* 3 48), ela era composta de dois livros. Um segundo volume teria sido dedicado à comédia e disso sabemos através tanto da própria *Poética*, onde se lê, no capítulo VI (1449 b21) “da imitação em hexâmetros e da comédia trataremos depois”, quanto de outros tratados de Aristóteles, principalmente a *Retórica*, que, em dois lugares diferentes, — I, 11, 1372 a 1; III, 18, 1419 b5 —, refere-se ao “γελοῖος” (engraçado, risível) de que já tratara na *Poética*. A *Política*, quando menciona que o sentido de catarse será esclarecido ἐν τοῖς περὶ ποιητικῆς (“nos [livros] sobre a poesia”) e tal esclarecimento não aparece no livro I, também nos leva a supor a existência desse segundo livro.

Há ainda o problema peculiar da transmissão do texto da *Poética*, pois ela descende de quatro manuscritos autônomos: o *Parisinus Graecus* 1741 (sécs. X-XI), somente descoberto no séc. XVIII, o *Ricardianus* 46 (séc. XII), a versão latina (Moerbeke, 1278), e o *Parisinus Árabe* 2376 (c. séc. X)⁵, o que agrava bastante a situação já fragmentária do texto acroamático, porque, com a passagem dos séculos, e à medida que os manuscritos foram sendo descobertos, o texto foi também se transformando, sofrendo intercalações, acréscimos, omissões etc. A tradução que ora se comenta usa o texto estabelecido por Rudolf Kassel, edição relativamente recente (1965) e amplamente adotada pelos especialistas em Aristóteles. A versão de Kassel tem a preferência dos scholars porque considera com muita atenção as quatro fontes acima citadas do texto

archai 

nº 18, sept.-dec. 2016

Irley Fernandes Franco, Resenha: ‘Aristóteles. *Poética*. Edição bilingue. Tradução, Introdução e Notas. São Paulo, Editora 34, p. 417-425

Irley Fernandes Franco, Resenha: 'Aristóteles. *Poética*. Edição bilíngue. Tradução, Introdução e Notas. São Paulo, Editora 34, p. 417-425

aristotélico. De fato, somente Kassel conseguiu sintetizar de maneira satisfatória esses quatro manuscritos.

Sendo essa, então, a situação em que nos encontramos diante da *Poética*, considere-se o valor de uma tradução que, além de enfrentar as dificuldades naturais do grego antigo, — língua a que poucos têm acesso — tenha ainda como perspectiva dar a esse texto coerência e unidade. Pois foi essa a tarefa ciclópea a que se entregou Paulo Pinheiro. A fim de dar ao leitor condições de pensar a partir do texto original, pois é essa a finalidade de toda tradução, nosso tradutor não só foi à fonte grega como generosamente a ilustrou com fartas e elucidativas notas, única maneira de garantir que o mais “torturado” dos textos aristotélicos — como o qualificou Eudoro de Souza⁶ — ganhasse corpo e clareza. Sem notas, permaneceria ininteligível a maior parte das teses apresentadas na *Poética*. Tampouco fariam sentido aqueles pontos que nos parecem intransponíveis se não os relacionamos com outras obras do *corpus aristotelicum*, principalmente com a *Ética Nicomaqueia* e com a *Retórica*.

Essa é, pois, a vantagem de termos um tradutor filósofo. E, de fato, em língua pátria, essa é a primeira tradução que tenta dar conta, através de notas explicativas, do vasto material conceitual trazido pela *Poética*. Termos como μίμεις, μύθος, κάθαρσις, τύχη, πράξις, ἄρμαρτία etc., alguns hoje caros à teoria da literatura, e cujos sentidos têm sido exaustivamente investigados por estudiosos da *Poética*, são aí brevemente mencionados, como se fizessem parte de um vocabulário com o qual os leitores já devessem estar familiarizados. Da mesma forma, a maior parte das teses de Aristóteles sobre a poesia é aí lançada sem maiores explicações.

Assim, por exemplo, e em especial, a famosa teoria aristotélica da catarse, cujo sentido aqui somos obrigados a deduzir da definição desesperadoramente lacunar de tragédia, resumida por nosso filósofo em um único parágrafo (cap. VI). As poucas teses aí desenvolvidas, algumas de grande importância para a atual disciplina da Estética, como é o caso do problema da origem da tragédia e da comédia — tema que se tornou caro à filosofia desde *O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música*, de Nietzsche — o são de modo extremamente econômico.

A edição em comento é bilíngue, mas a tradução é perifrástica; sacrifica a forma ao conteúdo. É natural que assim seja, uma vez que o texto parece ser, como já dissemos, um conjunto de anotações descuidadas e que têm por finalidade trazer à memória o que antes já foi ensinado e escrito. O texto é, sem exagero, além de curto (15 páginas, ou 30 colunas)⁷, extremamente condensado e tem, no geral, uma estrutura gramatical bastante irregular, sendo seus conteúdos, os mais complexos, tratados inúmeras vezes através de “frases quebradas”. O grego “ao lado” permite-nos constatar a infinidade de anacolutos que nos obrigam a “interpretar”, em lugar de simplesmente “traduzir”.

Nem sempre concordamos com as escolhas do tradutor. Algumas vezes, porque destoam de nossas próprias interpretações, tais como a de *μύθος* por “enredo”, *φόβος* por “pavor”, *ἁμαρτία* por “erro”, e assim por diante. Já em outros casos, porque consideramos que a escolha do tradutor não reflete todo o conteúdo semântico do termo de origem. Tal é, por exemplo, o caso da tradução de *πάθος* (1452b 10) por “comoção emocional”. Ora, “comoção emocional” é uma

archai 

nº 18, sept.-dec. 2016

Irley Fernandes Franco, Resenha: ‘Aristóteles. *Poética*. Edição bilíngue. Tradução, Introdução e Notas. São Paulo, Editora 34, p. 417-425

Irley Fernandes Franco, Resenha: 'Aristóteles. *Poética*. Edição bilíngue. Tradução, Introdução e Notas. São Paulo, Editora 34, p. 417-425

expressão fraca para significar a violência que se abate sobre o herói trágico e que se dá após o reconhecimento (ἀναγνώρισις) e a reviravolta (περιπέτεια), momento tópico, clímax da tragédia complexa. Πάθος é o terceiro elemento da trama (μύθος) e é definido por Aristóteles como “uma ação destrutiva ou dolorosa” (1452b 12: πάθος δέ ἐστι πρᾶξις φθαρτιῇ ἢ ὀδυνηρά). O uso da palavra “emocional” sugere uma situação estritamente psicológica, mais presente na mente do que na ação, como se o psicológico estivesse separado e distante da ação. De acordo com a passagem, entretanto, o πάθος trágico é uma ação e não uma “emoção”.

Poder-se-ia pensar, por essa razão, que se trata aí de uma tradução que obriga seus leitores a aceitar e seguir suas próprias opções sem lhes dar a possibilidade de reflexão. Mas não é esse o caso, pois nosso tradutor justifica e generosamente explica cada uma de suas escolhas, como o faz justamente em relação ao termo cuja tradução acabamos de criticar: πάθος. Em nota ao termo, Paulo Pinheiro cita diversas traduções já oferecidas na longa história dos estudos da *Poética*. Assim, Eudoro de Souza, traduz por “catástrofe”, Magnien e Hardy, por “événement pathétique”, Dupont-Roc e Lallot por “effet violent”, Else, por “suffering” e, finalmente Halliwell mantém simplesmente “pathos”.

Como observação final, destacamos a importância, muitas vezes negligenciada, da *Poética* para o pensamento e cultura ocidentais. Tomando como exemplo as poesias épica e trágica, Aristóteles, diverge radicalmente de seu mestre Platão, e dá à poesia a dignidade de um domínio próprio, que não mais depende de propostas políticas ou de uma filosofia moral. Pode-se

dizer que, pela primeira vez, a *mimesis* poética é pensada como tendo uma potência própria e que, desde aí, não parou de contar a sua história. Os cânones aí introduzidos para a composição da boa tragédia acabaram se tornando paradigmáticos para os demais gêneros literários e, através deles, para outras formas de produção artística, fazendo da *Poética* um dos livros mais poderosos e influentes da história da literatura ocidental.

archai 

nº 18, sept.-dec. 2016

Irley Fernandes Franco, Resenha: 'Aristóteles. *Poética*. Edição bilíngue. Tradução, Introdução e Notas. São Paulo, Editora 34, p. 417-425

NOTAS

1 ἀκροαματικά, do verbo ἀκροάομαι, “ouvir”, “escutar”, donde ensinamentos orais.

2 Ao contrário de Platão, que parece desprezar a escrita (vide principalmente *Fedro* 275a-276a e *Carta VII* 341a-d), Aristóteles era um grande amante da leitura —Platão o apelidou de “o leitor” (ἀναγνώστης) na Academia – e teria sido o inventor do que hoje chamamos de “biblioteca”. Segundo Estrabão (séc. I a.C), ele «foi o primeiro a colecionar livros e teria ensinado os reis do Egito o modo como organizar uma biblioteca.” Sabemos, além disso, que ele possuía uma coleção particular de livros, a qual, mais tarde, colocou à disposição de seus alunos do Liceu.

3 A expressão aparece em vários autores da antiguidade, por ex., Clemente de Alexandria (c. 250 d.C.), Aulo Gélcio (séc. I d.C.), Jâmblico (séc. III) e Cícero. Este último refere-se aos escritos “exotéricos” de Aristóteles de modo extremamente elogioso: “*flumen orationis aureum fundens*” (*Academici Libri* 2 119), “*dicendi incredibili quadam cum copia tum suavitate*” (*Topica* 1, 3).

4 Cic. *Fin.* V 5, 12.

5 Em sua Introdução, Paulo Pinheiro comenta brevemente as questões relativas à tradição manuscrita do texto grego. Para uma abordagem ultra detalhada do tema, ver Yebra (1992). Ver também Else (1967) e Eudoro de Sousa (1966).

6 Em sua Introdução à *Poética* (1966).

7 Comparativamente, a *Metafísica* tem 114 páginas e a *Ética Nicomaqueia* 98 páginas. Cf. Whalley (1970, p.77-106).

BIBLIOGRAFIA

ELSE, G. F. (1967). Aristotle *Poetics* (translated with an introduction and notes). Ann Arbor, University of Michigan Press.

RACKHAM, H. H. (1931). Marcus Tullius Cicero. *De Finibus Bonorum et Malorum*, V 5, 12. Loeb Library. Cambridge, MA.

SOUSA, E. de (1996). *Poética de Aristóteles*. Tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndice. Porto Alegre, Globo.

YEBRA, V. García (1992). ΑΡΙΣΤΟΤΕΛΟΥΣ ΠΕΡΙ ΠΟΙΗΤΙΚΗΣ. ARISTOTELIS ARS POETIKA. POÉTICA DE ARISTÓTELES. Edición trilingüe. Madrid, Editorial Gredos.

WHALLEY, G. (1970). On translating Aristotle's *Poetics*. *University of Toronto Quarterly*, vol.39, n.2, January, p.77-106.

Submetido em Fevereiro e aprovado para a publicação em
Março, 2016

archai 

nº 18, sept.-dec. 2016

Irley Fernandes Franco, Resenha: 'Aristóteles. *Poética*. Edição bilíngue. Tradução, Introdução e Notas. São Paulo, Editora 34, p. 417-425